

Grande paz

Salmo 119.161-168 (NAA)

ψ Chim

¹⁶¹Poderosos me perseguem sem motivo, mas o que o meu coração teme é a tua palavra. ¹⁶²Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos. ¹⁶³Odeio e detesto a mentira, mas amo a tua lei. ¹⁶⁴Sete vezes por dia, eu te louvo pela justiça dos teus juízos. ¹⁶⁵Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há nada que os faça tropeçar. ¹⁶⁶Espero, SENHOR, na tua salvação e cumpro os teus mandamentos. ¹⁶⁷A minha alma tem observado os teus testemunhos; eu os amo profundamente. ¹⁶⁸Tenho observado os teus preceitos e os teus testemunhos, pois na tua presença estão todos os meus caminhos.

Paz é uma palavra que a gente usa demais e possui de menos. Desejamos paz uns aos outros toda semana, aqui na igreja, e na maior parte das vezes nem paramos para pensar no que estamos pedindo. Paz virou sinônimo de sossego, de silêncio, de um problema que se resolveu ou de uma notícia que tirou a dor ou a preocupação.

Mas existe uma pergunta que raramente fazemos: o que é, exatamente, que rouba a nossa paz? O psiquiatra Viktor Frankl, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, observou algo que a experiência humana confirma repetidas vezes: suportamos quase qualquer sofrimento quando enxergamos nele um sentido. O

que nos quebra por dentro não é a dor em si — é a dor que não tem explicação. Existe uma diferença entre sofrer por um motivo e sofrer sem nenhum.

É ser tratado com hostilidade por quem tinha poder para proteger — e escolheu ferir. É descobrir que não existe recurso, não existe apelação, porque a própria instância que deveria fazer justiça está do lado errado.

Se você já sentiu isso — no trabalho, num relacionamento, numa decisão que afetou sua vida e da qual você nem foi ouvido —, sabe que esse tipo de ferida não fica só na circunstância. Ela invade e perturba por dentro. Começa a roubar o sono, a alimentar a raiva, a plantar a pergunta que envenena tudo: “por que eu?”

Davi conhecia essa pergunta. E os oito versículos que temos diante de nós hoje — a vigésima primeira estrofe do Salmo 119 — são a resposta que ele deu a ela, não em teoria, mas em oração.

Vamos acompanhar essa resposta em seis movimentos: primeiro, a ferida que abre o texto; depois, o que já estava ali, no coração de Davi, antes mesmo da ferida — e que por isso não se deixa dominar por ela; em seguida, como essa realidade se alimenta no dia a dia; então o centro para onde tudo converge; como essa descoberta sustenta a espera; e, por fim, aonde ela finalmente o leva.

1. A Ferida

Versículo 161a: “Poderosos me perseguem sem motivo.”

Repare que Davi não começa explicando o que fez, nem tentando entender o que provocou o ataque. Ele começa apenas nomeando o fato: **poderosos** — homens com autoridade, com influência, com poder de decidir sobre sua vida — o perseguem. E acrescenta a expressão que abre a ferida: **sem motivo**.

Essa expressão é o coração do problema.

Você deve estar se perguntando: mas Davi não era o rei? Como poderosos o perseguiram?

A vida de Davi guarda pelo menos dois episódios assim.

O primeiro, antes de ele subir ao trono: perseguido sem causa pelo rei Saul e por toda a sua corte, obrigado a viver fugitivo nas montanhas e nos desertos de sua própria terra.

O segundo, já como rei: quando o próprio filho Absalão se levantou contra ele, arrastando consigo conselheiros e nobres do reino, forçando o rei a fugir de Jerusalém como fugitivo em sua própria casa. Poder virado contra quem deveria ser protegido por ele — duas vezes, em dois momentos diferentes da mesma vida.

Se houvesse motivo, ainda que doloroso, haveria também um caminho de resposta: reconhecer o erro, pedir perdão, corrigir o rumo. Mas quando não há motivo, não há esse caminho. Resta apenas a pergunta sem resposta, girando, voltando, sem encontrar onde pousar.

Você sabe, eu não preciso te dizer: há uma dor particular quando a ferida vem exatamente de onde deveria vir proteção. Uma nação inteira — você e eu inclusive — ferida por quem deveria governar para o seu bem: no executivo, no legislativo, no judiciário. A autoridade civil existe como serva de Deus para o nosso bem, não para o nosso mal (Rm 13.4). Um homem detido injustamente por quem deveria protegê-lo, e não intimidá-lo ou prejudicá-lo. Um filho ferido pelo pai. Um membro da igreja ferido por um líder que esqueceu que sua autoridade também foi dada para edificar, não para destruir (2Co 10.8; 13.10). Um trabalhador ferido por quem detém sua contratação e seu sustento.

A traição da autoridade dói de um jeito que a hostilidade de um desconhecido nunca dói da mesma forma, porque desfaz algo que deveria ser certo: que quem tem poder sobre nós deveria usá-lo para o nosso bem.

Davi não amenizou essa dor, nem fingiu que ela não doía. Ele a nomeou com exatidão. E isso já nos ensina algo: a fé bíblica não pede que finjamos que a injustiça não existe, nem que a chamemos de outro nome para suavizá-la. A oração de Davi começa com honestidade crua — e é justamente essa honestidade que abre espaço para o que vem a seguir.

2. O que já estava ali

Versículo 161b: “Mas o que o meu coração teme é a tua palavra.”

Repare na conjunção: “mas”.

Depois de nomear a ferida sem disfarce — “Poderosos me perseguem sem motivo.” —, Davi não continua descrevendo o tamanho do ataque, nem elabora estratégias de defesa. Ele vira o olhar para dentro e revela o que já estava ali, antes mesmo de os poderosos se levantarem contra ele: um temor maior, dirigido não aos homens, mas à palavra de Deus.

¹⁶¹Poderosos me perseguem sem motivo, mas o que o meu coração teme é a tua palavra.

Note que esse temor não nasceu naquele momento, como reação de emergência. Ele já ocupava o centro do coração de Davi antes da crise chegar. É por isso que a perseguição não conseguiu tomar aquele lugar — o lugar já estava ocupado.

Muita gente pensa que a fé é uma espécie de escudo que a gente levanta quando o ataque vem. É também. Mas o que Davi nos mostra aqui é diferente: o temor à palavra de Deus não foi produzido pela crise — foi revelado por ela. A tempestade não criou a âncora; apenas mostrou que ela já estava firme.

E isso levanta uma pergunta que vale a pena cada um de nós remoer: o que já está no centro do meu coração, antes de qualquer crise chegar? Porque quando a injustiça bater — e ela bate, mais cedo ou mais tarde, na vida de todo mundo —, não haverá tempo

de improvisar uma fé. Vamos reagir com aquilo que já estava lá dentro, cultivado nos dias comuns, nos dias sem ataque nenhum.

Davi não temia os poderosos porque temia Alguém maior do que eles. Não é que o perigo tenha deixado de ser real. É que ele deixou de ser o maior fato da vida de Davi. E é exatamente esse deslocamento — do medo do homem para o temor a Deus — que abre a porta para tudo o que vem a seguir nesta estrofe.

3. Alimentada no dia a dia

Versículos 162-164:

¹⁶²Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos. ¹⁶³Odeio e detesto a mentira, mas amo a tua lei. ¹⁶⁴Sete vezes por dia, eu te louvo pela justiça dos teus juízos.

O temor de que falamos há pouco não é estático. Ele se movimenta, se traduz em hábitos concretos, dia após dia. Davi nos mostra três deles.

O PRIMEIRO É BUSCAR A ALEGRIA. Versículo 162: “Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos.” Despojo não cai do céu — é fruto de batalha, o que resta depois de um combate vencido. Davi não está descrevendo um achado repentino, uma sorte inesperada. Está descrevendo o resultado de um combate travado com disciplina, dia após dia, na palavra de Deus.

É a mesma imagem que Paulo usa ao final da vida, quando escreve que combateu o bom combate, terminou a carreira, guardou a fé (2Tm 4.7) — e que exorta Timóteo a combater o bom combate da fé (1Tm 6.12). A alegria que Davi sente na palavra não é acidente de temperamento; é o espólio de quem batalhou.

Agora, repare a ordem: primeiro veio o temor (v. 161), depois veio essa alegria conquistada (v. 162). Quanto mais reverenciamos a palavra de Deus, mais prazer colhemos dela — não porque ela che-

ga fácil, mas porque foi buscada com esforço, como quem entra em combate sabendo que vai vencer.

O SEGUNDO HÁBITO É A INTEGRIDADE. Versículo 163: “Odeio e detesto a mentira, mas amo a tua lei.” Aqui há algo que merece atenção. Por que Davi fala primeiro do que odeia, antes de falar do que ama? Porque existe um risco silencioso para quem sofre injustiça: o de se tornar, aos poucos, parecido com quem o feriu. Responder mentira com mentira. Manipulação com manipulação. Jeitinho com jeitinho. Corrupção com cinismo. E assim por diante.

A cura da injustiça não é apenas suportar a dor — é recusar-se a deixar que ela desfigure quem somos. Davi odeia o engano com a mesma força com que ama a verdade, porque sabe que a integridade é a primeira coisa que a injustiça tenta arrancar de nós.

O TERCEIRO HÁBITO É O LOUVOR. Versículo 164: “Sete vezes por dia, eu te louvo pela justiça dos teus juízos.” O número sete, na cultura hebraica, comunica plenitude — não é uma agenda religiosa rígida, é um coração que louva sem parar.

E é significativo que esse louvor seja dirigido à justiça de Deus revelada em sua Palavra — justamente o atributo que os perseguidores de Davi haviam pisoteado.

Quando homens injustos nos ferem, louvar a justiça de Deus se torna um ato de resistência silenciosa: recusamo-nos a deixar que a injustiça humana apague nossa confiança na justiça divina.

Alegria, integridade e louvor. Não são dons que caem prontos do céu — são a disciplina diária de uma alma em combate: a alegria conquistada, a integridade guardada, o louvor exercitado, um dia de cada vez, enquanto a tempestade ainda não passou.

4. O centro

Versículo 165: “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há nada que os faça tropeçar.”

Chegamos ao verso que dá nome a este sermão — e ao ponto para onde toda a estrofe converge.

“Grande paz têm os que amam a tua lei.” A palavra que a NAA traduz por “paz” é, no hebraico, *shalom* — uma palavra maior do que o nosso termo “paz” costuma carregar. Não é apenas ausência de conflito. É plenitude, integridade, um estado de bem-estar que já não carece de nada. Poderíamos quase chamá-la de *contentamento* — não o contentamento de quem se resignou, mas o de quem já tem o essencial e por isso não precisa mais correr atrás de nada.

E note a quem essa paz é prometida: não a quem cumpre a lei sem falhas, mas a quem *ama* a lei. Se essa paz dependesse de desempenho perfeito, ninguém a teria — nem Davi, que em outras estrofes deste mesmo salmo confessa suas próprias faltas (vv. 67 e 176). Mas a *paz* aqui prometida nasce do *amor*, não da perfeição.

Existe uma **paz falsa**, que tentamos construir pelo mérito — dizemos que a merecemos porque nos esforçamos, porque fomos corretos, porque não erramos. Essa paz é frágil; desmorona na primeira lembrança de que não somos tão íntegros quanto gostaríamos. Mas existe **outra paz** — a de quem sabe que já foi aceito, e por isso ama a lei não para ser aceito, mas porque já foi aceito. Essa paz não depende de nunca tropeçar; ela é o motivo pelo qual, quando tropeçamos, não caímos de vez.

“Para eles não há nada que os faça tropeçar” — na segunda parte do versículo 165 — não significa que os fiéis nunca enfrentam obstáculos. Significa que nenhum obstáculo tem poder de arruiná-los, porque o chão sob os pés deles não é o próprio desempenho — é a fidelidade de Deus.

Essa é a paz que o mundo não pode dar, e por isso também não pode tirar. Ela não depende de o governo mudar de rumo, do processo se resolver a nosso favor, da circunstância finalmente ceder. Ela nasce de um coração que ama a Deus e descansa nele — e por isso atravessa tempestades reais sem ser destruído por elas.

5. Sustenta a espera

Versículo 166: “Espero, SENHOR, na tua salvação e cumpro os teus mandamentos.”

A paz que acabamos de contemplar não é passiva, e Davi mostra isso logo em seguida, unindo duas coisas que precisam caminhar juntas: *esperança* e *obediência*. Ele espera a salvação do SENHOR — não uma solução improvisada pelas próprias mãos, não uma vingança contra quem o persegue, mas a salvação que só Deus pode dar, no tempo dele. E, enquanto espera, continua a obedecer. A longa espera não o contamina.

As duas coisas precisam vir juntas. **Esperança sem obediência é ilusão** — dizemos que confiamos em Deus, mas vivemos como se tudo dependesse só de nós, tentando resolver pela própria força aquilo que só a Deus cabe resolver. **Obediência sem esperança**, por outro lado, vira fardo — cumprimos regras sem viver a expectativa de que Deus está agindo. Davi mantém as duas juntas: espera com paciência e obedece com fidelidade.

Isso reorienta o modo como enfrentamos a injustiça ao nosso redor, seja ela pequena e doméstica, seja ela grande e nacional ou global. Não somos chamados à resignação, como se nada pudesse ser feito. Também não somos chamados à ansiedade febril, como se tudo dependesse da nossa ação imediata. **Somos chamados a esperar de forma ativa:** confiando que Deus é quem, por fim, endireita o que está torto — e vivendo, enquanto isso, com integridade diante dele.

¹⁶⁶Espero, SENHOR, na tua salvação e cumprio os teus mandamentos.

Esperar sem obedecer é presunção. Obedecer sem esperar é cansaço. Davi não escolhe entre as duas coisas. Ele faz as duas ao mesmo tempo, e é exatamente essa combinação que sustenta a paz do versículo anterior no dia seguinte, e no outro, e no outro — enquanto a resposta de Deus ainda não chegou.

6. Aonde ela leva

Versículos 167-168:

¹⁶⁷A minha alma tem observado os teus testemunhos; eu os amo profundamente. ¹⁶⁸Tenho observado os teus preceitos e os teus testemunhos, pois na tua presença estão todos os meus caminhos.

Chegamos ao fim da estrofe. E aqui Davi faz algo que chama atenção: por três vezes, ao longo destes oito versículos, ele declara seu amor pela palavra de Deus — no versículo 163, no 165 e agora no 167. Não é repetição por acaso. É como se ele quisesse deixar absolutamente claro, antes de terminar, qual é a fonte real de tudo o que atravessamos até aqui: não a força de vontade, não a resistência pessoal, mas o amor — amor profundo pela palavra de Deus.

E Davi termina com a frase mais surpreendente — e assustadora! — da estrofe inteira: **“na tua presença estão todos os meus caminhos.”**

À primeira vista, isso poderia soar pesado. Ser completamente conhecido, sem nenhum canto da alma fora do alcance do olhar de Deus — para um coração culpado, isso seria motivo de temor. Mas para Davi, essa mesma verdade se torna sua maior segurança.

Por quê? Porque é justamente aqui que está a diferença entre viver escondido dos homens e viver diante de Deus. Os poderosos que perseguiam Davi podiam distorcer sua reputação, espalhar mentiras, julgá-lo mal ou até usar seus pecados contra ele — mas

havia um Juiz que via tudo, que conhecia cada intenção do coração, e que não podia ser enganado. Diante desse Juiz, Davi não tinha nada a temer, porque seu coração estava reto diante dele.

Essa é a cura mais profunda para a alma ferida pela injustiça: não é apenas suportar sermos vistos por homens que nos julgam mal — é encontrar segurança justamente no fato de sermos vistos por completo por Deus, que julga com justiça perfeita. É por isso que a estrofe pode terminar em paz: porque o último olhar sobre a nossa vida não é o dos poderosos que nos feriram, é o de Deus.

A paz que chegou até nós

Percorremos seis movimentos. Resta uma pergunta prática: como essa paz chega até mim? Uma coisa é admirar a paz de Davi. Outra é sair daqui sabendo como recebê-la.

Davi confiou seus caminhos a um Deus fiel, mas só pôde vê-lo de longe. Nós vimos mais: um Deus que se fez homem e passou, ele mesmo, pelo que Davi apenas descreveu. Jesus foi perseguido sem motivo — condenado por falso testemunho, entregue por quem deveria protegê-lo, morto por um poder que deveria fazer justiça e fez o oposto de todos eles. E não abriu a boca; não retribuiu mal com mal; entregou-se ao Pai que julga com justiça.

Por isso pôde dizer aos discípulos, na véspera de sua própria injustiça suprema: “Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou... Que o coração de vocês não fique angustiado nem com medo” (Jo 14.27). Por isso Paulo, do outro lado da cruz, escreveu que “a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus” (Fp 4.7). É o mesmo *shalom* do salmo — agora com rosto, nome e sangue: Jesus Cristo. E é essa paz, não uma técnica nossa, que guarda o coração; nós apenas nos colocamos onde ela guarda — em Cristo, pela fé.

Como, então, se apropriar desta paz esta semana?

Nomeie a ferida diante de Deus, sem disfarce — como Davi no primeiro versículo. Ore a sua queixa real, com as palavras exatas da dor. Deus não pede que finjamos.

Pergunte o que ocupa hoje o centro do seu coração, antes que a próxima crise chegue. Se não for a Palavra, comece agora, num dia comum, a colocá-la ali. Não se improvisa isso no meio da tempestade.

Vigie para não se tornar como quem o feriu. Cada mentira recusada, cada vingança não tomada, é resistência que preserva quem você é.

Não separe esperança de obediência. Esperar sem obedecer é presunção; obedecer sem esperar é cansaço. Juntas, sustentam a paz nos dias em que a resposta de Deus ainda não chegou.

Deixe-se ser conhecido por Deus. Não fuja para dentro de si mesmo, escondendo o que dói e o que falha. Leve tudo diante dele — porque em Cristo, o olhar que tudo vê, e que poderia condenar, é o olhar de quem já nos aceitou e agora nos guarda.

Os poderosos que feriram você podem continuar no poder. A injustiça pode não terminar amanhã. Mas grande paz têm os que amam a lei do SENHOR — e essa paz já começou, hoje, para quem entrega a Cristo a ferida que os homens causaram.

S.D.G. L.B.Peixoto.